

Editorial

O Museu Municipal de Palmela tem como objectivo primeiro contribuir para a preservação do património local, integrando espólios representativos da memória de cada freguesia do concelho. O acervo do Museu é actualmente composto por colecções arqueológicas - resultantes dos trabalhos de prospecção e escavação desenvolvidos no concelho desde 1988 -, etnográficas, de escultura antiga e tecnologias de transmissões militares. Boa parte das colecções encontram-se em situação de depósito e que garante a diversificação de peças em exposição, facto para que muito contribui um estreito relacionamento da Câmara Municipal com museus de outras tutelas, com as Juntas de Freguesia e com particulares do concelho.

18 de Maio - Dia Internacional dos Museus - é comemorado, no presente ano, sob o lema "O Museu e os seus Amigos", de modo a enaltecer a importância dos grupos de Amigos de Museus na preservação do Património Cultural.

Acreditamos que a preservação da Memória Colectiva é, em boa parte, garantida se o Património for conhecido. A Educação para o Património é uma via para alicerçar uma Identidade e contribuir para um Futuro de maior participação cívica. Investigar, comunicar com o público, divulgar memórias, objectos e sítios são actos diários da equipa do Museu através da realização de visitas, debates e cursos, programação de exposições - permanentes e temporárias -, edição de estudos sobre o património local. O nosso público privilegiado tem sido a Comunidade Educativa, e queremos chegar também aos Pais, Educadores, profissionais de diversas áreas de actividade que acreditem como nós na importância da salvaguarda e divulgação do Património.

Este ano, com o lançamento do Boletim mais museu, que terá numa primeira fase uma periodicidade semestral, visamos estreitar a comunicação entre o Museu Municipal, as autarquias, a Comunidade Educativa, o visitante comum e potenciais Amigos e Voluntários do museu. Pretendemos que este nº 1, que integra um ante-projecto (separata) que pretende vir a dinamizar um debate público em torno do Programa Museológico Municipal, contribua para esse objectivo e seja mais um passo no sentido da preservação do Património no concelho.

A Presidente da Câmara



Ana Teresa Vicente



Museu

hoje

O Museu Municipal de Palmela

Palmela foi, entre os séculos XV ao XIX, sede da Ordem Religiosa e Militar de Santiago de Espada. Com um importante conjunto de estruturas arquitectónicas classificadas como património nacional – caso do Castelo, da Igreja de Santiago, do Pelourinho na vila de Palmela e da Necrópole Calcolítica em Quinta do Anjo –, do ponto de vista de património histórico-artístico móvel pouco restou no território concelhio, após a extinção das Ordens Militares, ocorrida em 1834.

São de destacar, em alguns pontos do concelho, conjuntos arquitectónicos de natureza vernacular, em particular no Centro Histórico da Vila de Palmela, na aldeia de Quinta do Anjo, no núcleo original da Vila de Pinhal Novo e nas áreas rurais.

Espaços museológicos municipais

Núcleo do Castelo

Com uma estrutura polinucleada, o Museu Municipal de Palmela abriu o primeiro núcleo de exposição permanente em 1996, no Castelo.

O Museu surge ali como elemento-chave numa estratégia de revitalização do monumento, conciliando espaços de exposição permanente – evocativos das várias épocas de ocupação da fortificação – com zonas destinadas à realização de eventos temporários, que revivificam a memória do monumento.

A instalação depende, por razões financeiras, da progressiva reabilitação arquitectónica da fortificação. A sede do Museu Municipal será a Casa Capelo, ainda não recuperada.



Espaço Arqueológico



A colecção arqueológica exposta resultou de trabalhos de prospecção e escavação desenvolvidos no concelho há vários anos e, em particular, das intervenções realizadas na área urbana de Palmela, no Castelo e zona envolvente e na jazida romana do Zambujalinho. Os espólios islâmico e medieval cristão são predominantes em toda a zona estudada

Espaço de Transmissões Militares

Em 1885, com a instalação no Castelo de um Heliógrafo para o serviço militar de transmissões telegráficas ópticas, a telegrafia militar fica sediada no edifício conhecido como Casa dos Radiotelegrafistas, até à transferência em 1993, para a Serra da Arrábida, do último posto retransmissor que o Exército possuía em Palmela. Recuperando esta memória do sítio, este espaço do Núcleo do Castelo apresenta peças que se situam cronologicamente entre o período islâmico e a Guerra Colonial Portuguesa. Meios de transmissão físicos e sonoros, visuais e ópticos, eléctrico-electrónicos, manuais de instrução, material de linhas e de medida e ensaio, equipamento TSF e de feixes hertzianos apresentam de forma concisa a evolução tecnológica das transmissões militares, contando com o apoio do Museu de Transmissões /Exército Português.



Reserva Visitável Escultura S. Tiago

A reserva visitável Escultura S. Tiago integra obras de estatuidoria antiga - sécs. XV, XVI e XVII - em pedra e madeira, de diferentes oficinas escultóricas. Aí encontramos diferentes formas de representar S. Tiago, patrono da Ordem Religiosa e Militar sediada no Castelo de Palmela entre os séculos XV e XIX.

Propriedade do Museu Nacional de Arte Antiga - parte da Colecção Vilhena - este espólio está depositado no Museu Municipal de Palmela e exposto numa sala dos chamados Paços de D. Jorge e no Côro-Alto da Igreja de Santiago.

Núcleo do Vinho e da Vinha

Este núcleo museológico foi criado pela Câmara Municipal, ao abrigo de um protocolo estabelecido entre a autarquia e o particular proprietário do imóvel - a autarquia está a desenvolver o programa museológico.

A adega da antiga Sociedade Agrícola de Algeruz era considerada, nos anos 30, como "a mais moderna adega de Portugal", devido à inovadora tecnologia que o seu proprietário Don Gregorio Gonzalez Briz ali implementara - o sistema de ânfora argelino.



O Núcleo-Adega, pela composição do seu espólio e colecções e enquanto espaço de memória, está vocacionado para a apresentação e divulgação da temática da história vitivinícola do concelho de Palmela e sua região e para a preservação e conservação do património da arqueologia industrial, devendo afirmar-se na relação com a comunidade local, reflectindo histórias de vida, saberes e anseios.

Núcleo de Pinhal Novo

Reserva Visitável Oficina do Ferreiro Faria

A Oficina do Ferreiro Faria é uma colecção composta por instrumentos e utensílios profissionais do Mestre Faria depositados pelos herdeiros do mesmo no Museu Municipal, em Março de 1998, para estudo, salvaguarda e divulgação. Foi instalada na Herdade de Rio Frio, quer pela importância do local, quer para corresponder a um desejo dos proprietários - que a colecção não saia da freguesia de Pinhal Novo.

A colecção não está integralmente estudada nem restaurada, encontrando-se em situação museológica de "reserva visitável". O interesse de que se reveste, quer pelas peças que integra (permitem conhecer um ofício tradicional quase desaparecido), quer

pelo acto de preservação patrimonial que lhe está subjacente, justifica, contudo, a sua abertura ao público, apesar de ainda não o ser de forma permanente, nem em local e discurso expositivos definitivos.

No âmbito do Núcleo de Pinhal Novo são realizadas visitas guiadas ao complexo ferroviário de Pinhal Novo e à Herdade de Rio Frio, interessante núcleo urbano dominado por uma casa senhorial de inícios do século XX.

Centro de Interpretação do Zambujalinho

Esta é uma estrutura de interpretação da natureza e do património arqueológico preservado in situ, propriedade da Associação dos Produtores Florestais da Península de Setúbal (AFLOPS) e por esta gerida.

Uma das áreas de exposição permanente é da responsabilidade do Museu Municipal, que aí expõe algumas peças da colecção arqueológica romana, obtida em escavações na jazida que se pode visitar ao longo dos percursos pedestres de observação propostos.



Outros projectos

O Núcleo Arqueológico Municipal, a instalar no futuro Centro de Interpretação da Necrópole de Quinta do Anjo, o Museu da Malária – que resultará de um protocolo a estabelecer em breve entre a Câmara Municipal e o Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge – e algumas iniciativas municipais, como o Projecto “Casa Caramela” e também privadas, de grande interesse para

o município, são projectos de que falaremos em próximos números do + museu.

A equipa técnica do Museu Municipal está instalada na sacristia da Igreja de Santiago (piso térreo), tem um gabinete de trabalho no Centro Histórico de Palmela e uma sala-atelier de Serviço Educativo, instalada numa galeria da Praça de Armas do Castelo.

Um Museu “é uma instituição permanente, sem fim lucrativo, ao serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, e que realiza investigação acerca de testemunhos materiais do homem e do seu meio, adquire-os, conserva-os, comunica-os e expõe-os com fins de estudo, educação e deleite”, tendo como meio específico de comunicação a exposição, sendo seus complementos as publicações, conferências, ateliers, maletas pedagógicas, visitas guiadas e acções afins.

In Estatutos do Conselho Internacional dos Museus (ICOM), 1974, Título II, Artº 3º

em destaque...

SERVIÇO EDUCATIVO

Texto de Equipa do Serviço Educativo

O Serviço Educativo, em obrigatória articulação com todas as demais áreas funcionais do Museu – investigação, conservação e divulgação –, tem genericamente os seguintes objectivos:

- divulgar as colecções integradas no Museu e o Património Cultural concelhio;
- fomentar o gosto pelo Património e pelas Artes e sua compreensão e valorização, através da criação de experiências significantes para diversos públicos-alvo, numa perspectiva de educação não-formal;
- contribuir para o desenvolvimento social, cultural e afectivo/cognitivo do visitante.

São actividades permanentes, entre outras:

- visitas guiadas e ateliers para vários públicos, com actual destaque para o Escolar;
- disponibilização de guarda-roupa histórico e etnográfico e adereços;
- disponibilização de maletas pedagógicas relativas a diversos patrimónios concelhios;
- disponibilização ao público de um Fundo Documental e Informativo sobre Património e Museologia;
- actividades específicas de exploração de exposições temporárias;
- actividades comemorativas para assinalar certas efemérides, como por ex.: Dia Internacional dos Museus, Dia Mundial da Criança, Dia Internacional das Pessoas Idosas, Dia do Concelho, Dia da Restauração do Concelho;
- projectos de parceria com escolas, outros serviços municipais e associações exteriores.

Actividades em Foco

No presente ano lectivo, duas das actividades mais procuradas pela Comunidade Educativa têm sido a Exposição "Os Sentidos dão Cor à Vida" e a Visita "História do Castelo de Palmela contada por dez ilustres personagens". Damos aqui conta da adesão a estas acções.

Exposição "Os Sentidos Dão Cor à Vida"

"Os Cinco Sentidos"

Esta história colectiva foi feita pelo grupo de Amigos "Os Traquinas", da Escola do Ensino Básico de Olhos de Água n.º 1 - Turmas do 3.º e 4.º anos
Abril 2003

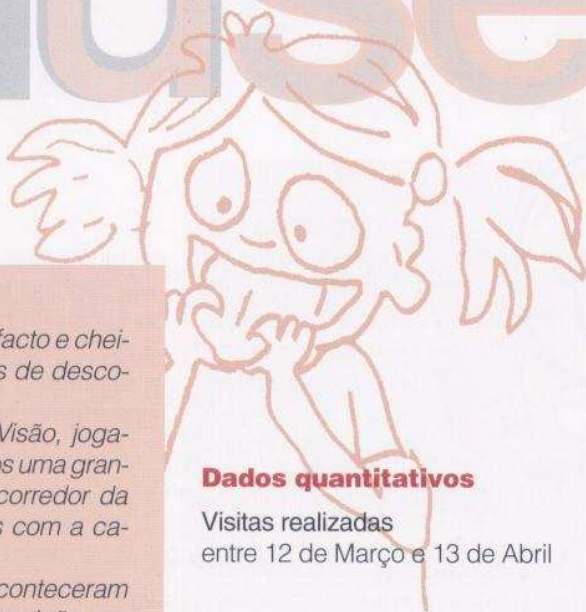
Era uma vez um grupo de amigos que foram ver uma exposição sobre os cinco sentidos. Primeiro viram o "Ti Manel dos Burros" que estava a cuidar das videiras e lhes disse que era preciso proteger alguns sentidos, como os olhos, as mãos e o nariz. Depois um menino contou a história do "Papa-Parras" e outros meninos foram para dentro do lagar "pisar a uva". Entretanto todos nós espreitamos dentro de uma pipa e lá vimos um desenho com as estações do ano, noutra pipa cheiramos o vinho.

De seguida fomos para a sala da Audição e jogamos o "jogo dos sinos" e fizemos o "teste dos sons".

Depois fomos para a sala do Paladar, nesta sala alguns meninos provaram: açúcar, café, sal e limão.

Depois fomos para a sala do Tacto, lá sentamo-nos numa cadeira muito divertidas e passamos no "corredor da fama", sentimos várias coisas com os nossos rabos e com os nossos pés descalços.





Depois fomos para a sala do Olfacto e cheiramos alguns cheiros e tivemos de descobrir que cheiros eram.

Depois fomos para a sala da Visão, jogamos alguns jogos e no fim tivemos uma grande surpresa... passamos no "corredor da ilusão" e quase todos batemos com a cabeça contra o espelho.

No fim criamos esta história e aconteceram coisas muito divertidas nesta exposição, por exemplo gostamos muito do "jogo dos sinos", das "cadeiras divertidas", principalmente da cadeira "o solar dos puums" e é claro muito, muito divertido foi o "corredor da ilusão".

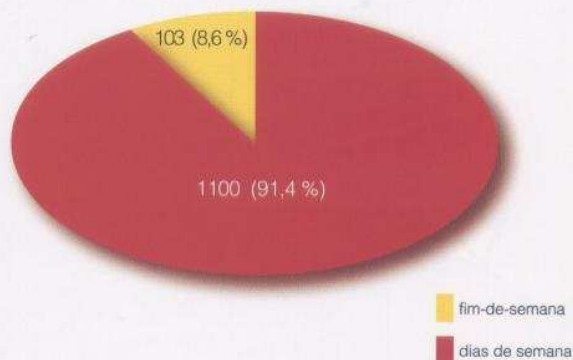
Com esta exposição ganhamos muitos conhecimentos e divertimo-nos muito.

Nós não costumamos visitar muitos Museus, mas hoje achamos que os Museus podem ser espaços muito divertidos e ficamos com muita vontade de os continuar a visitar.



Dados quantitativos

Visitas realizadas
entre 12 de Março e 13 de Abril



Palavras do nosso Público

Alunos

Gostei da exposição "porque tive de passar por um espelho maluco" e porque "é melhor sair da escola para aprender"; "aprendemos que os sentidos dão cor à vida"

Professores

"Acho que esta acção foi muito interessante. Os alunos mostraram-se muito interessados e participativos. Parabéns e continuem com este trabalho. Obrigado pela ajuda."

"Deviam ser feitas mais actividades práticas no género desta, pois os alunos revelaram bastante interesse e também colaboraram."

Pais

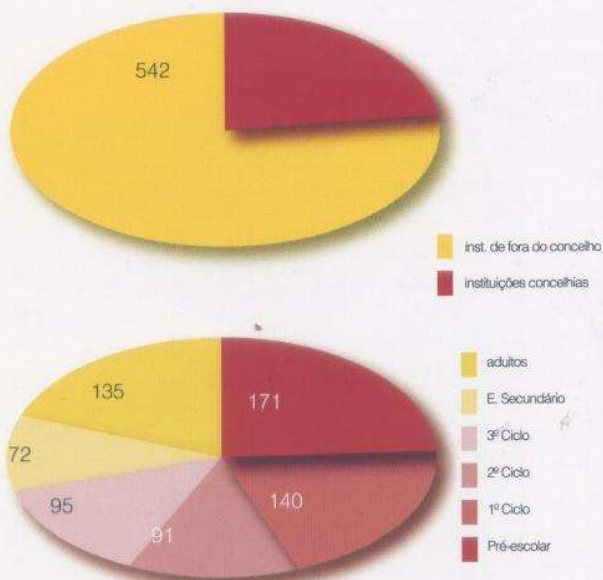
"Os Educadores e filhos gostam deste tipo de experiências, porque compreendem melhor o que lhes ensinam nas escolas. Gostamos muito."

Visita

"História do Castelo de Palmela contada por dez ilustres personagens"

Dados quantitativos

Visitas realizadas entre 12 de Março e 13 de Abril



Palavras do nosso Público

Alunos

Gostei da actividade, "porque tinha sítios secretos." (1.º Ciclo)

Gostei da actividade,... porque "foi engraçado! Gostei muito da imitação dos trajes daquela época." (2.º Ciclo)

Considereei a actividade importante porque "(...)acho que aprendi coisas novas, por isso vai-me facilitar a aprendizagem" (2.º Ciclo)

Gostei da actividade, porque "acabou por se tornar numa visita de carácter lúdico, embora bastante expressivo e elucidativo para nós, alunos. (E. Secundário)

Professores

«Voto para que continuem esta maravilha de nos fazer recuar no tempo, de uma forma "certa"; a visita substitui 10 aulas,... maravilhado com os pedagógicos jogos cénicos.»

«Magnífico trabalho e excelentes colaboradores.»

«Esta é uma oportunidade única de conhecer o castelo de forma diferente e lúdica com a presença de personagens.»

Património Local

O PATRIMÓNIO EDIFICADO

Faremos em cada número do **+museu** um destaque no âmbito desta rubrica. Hoje apresentamos um texto inédito sobre a Igreja de Santa Maria (Castelo), primeira paróquia de Palmela, em ruína desde o terramoto de 1755. Terão aqui espaço o património material e o incorpóreo, o de "proximidade" e o "difuso", aquele que está em estudo e o que o leitor nos sugerir – mostre-nos interesse pelo Património que gostaria de ver aqui abordado: **ESCREVA-NOS !**

IGREJA de SANTA MARIA, CASTELO

A Igreja de St^a. Maria do Castelo foi a primeira paróquia de Palmela, edificada muito provavelmente no último quartel do séc. XII, após os derradeiros confrontos entre cristãos e muçulmanos na região. O foral concedido à vila em 1185 e a presença de freires guerreiros da Ordem de Santiago no castelo, desde a doação em 1186, justificam a proposta de atribuição cronológica. Aparece referenciada em duas relações de igrejas portuguesas, de 1259 e de 1320-21.

No espaço onde se erguem os restos estruturais do edifício decorrem investigações arqueológicas com o objectivo de se identificarem ocupações anteriores.

Museu

Património Local

Na sacristia adossada ao lado direito da cabeceira, setecentista, a intervenção arqueológica permitiu concluir da existência de vestígios muçulmanos, fora do recinto da alcáçova, e da posterior vivência cristã dos sécs. XIII e XIV, com o espaço de cemitério ladeando o edifício intra-muros.

O templo é de planta rectangular, com três naves definidas por quatro pares de colunas e respectivos arcos em pedra, de que restam apenas algumas bases. As remodelações sucessivas e o adossamento à torre de menagem



dificultam a leitura da cabeceira. O primeiro registo descritivo conhecido encontra-se nas visitas quinientistas de D. Jorge, mestre da Ordem de Santiago. Através delas podemos depreender da existência de duas portas, correspondendo uma à porta gótica, de arco ogival simples assente sobre impostas e colunas lisas. A visita de 1527 dá-nos notícia do entaipamento desta porta para se fazer um coro e assim terá permanecido até à intervenção de 1970. A segunda porta é reformulada, como todo o templo, ao gosto renascença. Este novo portal ao romano, executado em calcário compacto, de cor esbranquiçada, define a fachada que nos chegou até hoje. Apresenta frontão quebrado, de linhas austeras, encimado por uma cruz na parte central, no prolongamento de uma cartela losangular onde se inscreve a cruz da Ordem de Santiago. Desta importante reforma ordenada por D. Jorge, verifica-se o recurso ao azulejo, em profusão, para o revestimento de altares e arcos e a madeira para o pavimento, onde antes dominava a pedra e o ladrilho. Alguns ilustres da vila foram sepultados no corpo da igreja e outros mandaram construir capelas abobadadas, guarnecidas de retábulos e de pedra lavrada.

A igreja dispunha ainda, no séc. XVI, de uma torre-campanário, munida de dois sinos, construída, ao que parece, a partir de anterior estrutura arquitectónica, na continuação do pano de muralha que apoia a parede norte do templo. Na intervenção de restauro levada a cabo em 1930-40 optou-se pela destruição da torre.

Em inícios do séc. XVII, o avançado estado de ruína da igreja conduziu a várias reparações, à reformulação da capela-mor e à construção da sacristia. Foi duramente afectada pelo terramoto de 1755 e não mais se recuperou para o culto. Durante o séc. XIX serviu de cemitério e nas primeiras décadas da centúria seguinte o seu interior foi transformado numa seara de trigo.

A antiga sacristia foi recuperada no âmbito do Programa de Recuperação e Animação do Castelo (PRAC) e está aí sediado, desde 2001, o Gabinete de Estudos sobre Ordem de Santiago, que integra um centro de documentação e uma biblioteca especializada em Ordens Militares.

nos bastidores... da Arqueologia

O TRABALHO DE INVENTÁRIO E CATALOGAÇÃO

Parece existir a ideia de que o Arqueólogo passa o tempo todo em escavação e que, após a conclusão dos trabalhos de campo, o seu trabalho fica concluído.

Na realidade as coisas não se passam assim.

O trabalho do Arqueólogo é acima de tudo possível com a colaboração e empenho de outros colegas do Serviço de Arqueologia da autarquia (ex.: topógrafos, pessoal operário, técnicos auxiliares). Sem eles o seu trabalho não seria possível. Por outro lado, antes de serem publicados os estudos respeitantes a determinada intervenção arqueológica é necessário passar por um conjunto de procedimentos de que falaremos noutros trabalhos.

Tomemos como exemplo a Intervenção Arqueológica realizada recentemente no Mercado Velho de Palmela.

No decurso da intervenção de campo, que durou 15 dias úteis, recolhemos um volume aproximado de 4 000 fragmentos de cerâmica e também algumas moedas e restos de fauna.

De forma a efectuar o estudo deste elevado e importante conjunto documental, foi necessário proceder à lavagem e marcação de todo o conjunto cerâmico.

A lavagem de cerâmica é um tipo de trabalho monótono, mas representa uma etapa fundamental, sem a qual não é possível efectuar o estudo das cerâmicas.

A segunda etapa passa pela catalogação da cerâmica.

A cada fragmento de cerâmica é atribuído um número próprio de identificação, correspondente a depois uma ficha (o "bilhete de identidade" da peça) que regista o número da camada de terra onde foi recolhida, o



dia e a sua localização topográfica dentro da área escavada.

Para cada campanha arqueológica é aberto um Dossier próprio que contém a informação de todo o conjunto cerâmico exumado. A existência de uma base de dados como esta também tem a vantagem de fazer, em tempo útil, uma selecção de peças temáticas com potencialidades museológicas.

Fátima Felicíssimo
Técnica Auxiliar de Museografia

Amigos do Museu

Existem no nosso concelho cidadãos interessados pelo Património e História Locais. O Grupo dos Amigos do Concelho de Palmela, a Associação "Casa Rural", o Movimento de Cidadãos pelo Pinhal Novo, são exemplos de uma dinâmica que queremos ver apresentada em futuros números do **+museu**. Este é um espaço em que lhes será dada voz-escrita-imagem, quer a grupos organi-

zados, quer a cidadãos particulares que tenham gosto em falar ou escrever sobre estes temas e/ou tenham espólio que pretendam depositar ou doar ao Museu para tratamento e divulgação.

Deixamos uma sugestão: para quando a criação do Grupo dos Amigos do Museu Municipal de Palmela? Gostaríamos de poder contar com ele num futuro próximo !



A criação de um Arquivo de Memórias é, actualmente, um projecto em curso no Museu Municipal.

Porquê arquivar memórias?

Todos sabemos que a História é feita por pessoas... Porém, a grande maioria, não deixando qualquer registo escrito, remete para o silêncio parte significativa do nosso passado.

Na nossa história recente, somos herdeiros de um conjunto de edifícios construídos tecnicamente para resistir à acção do tempo. Embora importantes, só por si não nos transmitem todas as vivências de uma época, tornando-se imprescindível associarmos

estas estruturas materiais às memórias de quem com eles partilhou um espaço e um tempo.

De quem são as memórias?

Da gente que, em Palmela, visitava o largo do mercado, onde antigamente se realizavam sessões de cinema ao ar livre: homens, mulheres e crianças reuniam-se nessas noites sob os parapeitos das janelas, que ainda hoje persistem, e assistiam entusiasmados à projecção do filme.

Gente que, vinda de terras distantes, chegou ao Pinhal Novo ao ritmo das viagens do Comboio. E, habitou e enriqueceu esta terra construindo casas de abobe, cujo tecto

albergou o sonho e a esperança de quem deixou a família, para aqui conquistar uma vida melhor.

Gente que, em Quinta do Anjo, ocupava o seu tempo com o fabrico do pão, ou com a guarda de rebanhos. Ou das mulheres que, de Cabanas, partiam para Setúbal em busca das trouxas de roupa que trariam para lavar. Em comum, todos tinham os caminhos e a melodia das cantigas de outrora.

Gente que, em S. Pedro de Marateca e no Poceirão, trabalhou a terra, plantou o bacelo, colheu as uvas e fez o vinho.

São as memórias de todos os que habitam e ajudaram a construir esta terra. Recordações, não apenas das grandes personalidades, mas as de cada um de nós, gente simples que se cruza a cada esquina.

Como arquivar memórias?

Dada a importância desta informação e da credibilidade que lhe queremos conferir, existe uma equipa a desenvolver um trabalho sistemático e metódico, recorrendo a sistemas que permitem guardar essa informação, de forma a poder ser posteriormente utilizada por todos aqueles que se interessam por estes temas.

Assim, este projecto visa a gravação e conservação de testemunhos vivos e directos, cujo registo corre o risco de se perder.

Faremos entrevistas, nas quais recolheremos informação respeitante a temas específicos, tais como antigos ofícios, lugares,

produtos, festas ou romarias; pretendemos reconstituir histórias de vida, de forma a conhecer as diferentes etapas de trajectórias pessoais.

Destas entrevistas resultarão documentos audio-visuais, impressos e material "não-livro" tais como fotografias e outros registos pessoais.

Para quem arquivar memórias?

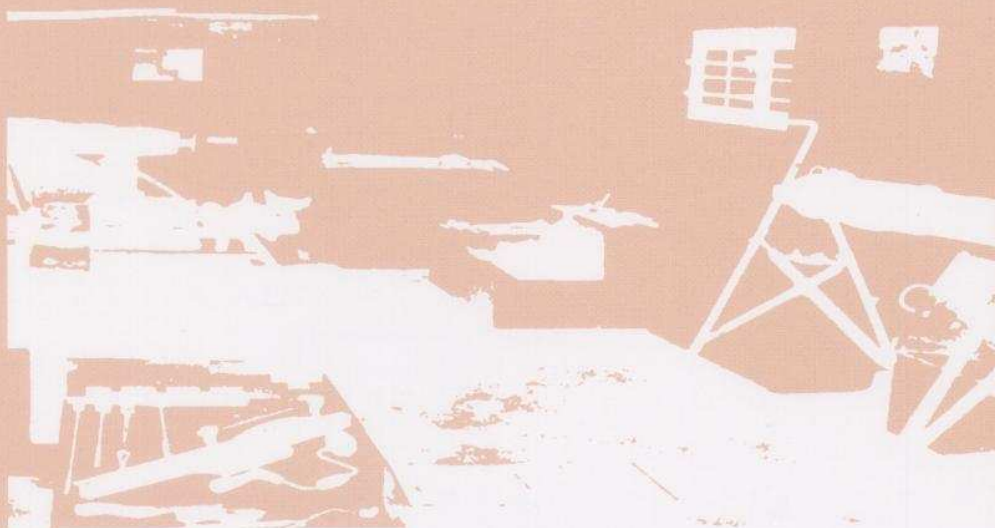
Estes documentos serão colocados, a partir da data da sua realização e tratamento, à disposição do público em geral, investigadores ou simples curiosos. Acreditamos que, assim, serão incorporadas na escrita da história, importantes franjas da população que de outra forma seriam condenadas ao silêncio, pela simples razão de não terem deixado documentos escritos.

Pretendemos também, que a comunidade educativa seja uma frequente utilizadora deste novo recurso, para que se promova, com maior rigor e eficácia, a preservação, valorização e divulgação da memória colectiva. Só assim, se poderá contribuir decisivamente para a formação pessoal e social dos alunos, bem como reforçar o processo de identidade local e nacional.

Este é um projecto de todos e que só poderá ser concretizado com a sua ajuda. Contamos consigo!

Cristina Prata e Teresa Sampaio
Técnicas Superiores do Museu Municipal

Memórias . . .



Património concelhio em Documentos

Uma Petição de 1569 – Palmela

Senhor Ouvidor

Dizem dom Prior e freires do convento de Palmella que a elles lhe he necessario hum estromento com os dictos d'alguuas testemunhas em modo que faça fee de commo he verdade que na villa de Palmella ha tres lagares de azeite moentes e correntes e muito bem aparelhados dos quais tres lagares dous são da ordem e convento grangeados pello dicto convento ou per seus rendeiros e o terceiro he de Francisco Coelho foreiro da<sic> dicta ordem e convento e que no termo da dicta villa ha hum lagar na quitam de Simão de Miranda que tem quatro varas e trabalha com agua e faz muitas moeduras entre dia e noute, e assi ha no termo da dicta villa outro lagar que tem duas varas e na quinta de dom Jorge Tello que Deus aja que lavra muitas moeduras d'agua e de sequeiro e que assi he verdade que pegado com o termo da dicta villa o doctor Miguel de Cabedo tem outro lagar de azeite em o qual lagar não se faz outra azeitona senão a do termo da dita villa de Palmella e se alguua vay do termo de Setuval bem pouca ou nada, e que na villa de Setuval ha nove ou dez lagares de azeite onde se faz toda a azeitona ou a maior parte della do logo do Figueiredo, e d'Alferrara, e de Onena, e dos Olivais dos Mouros, e da Cova do Mocho, e d'Alcube, e da Rasca, e doutras muitas partes e sitios que estão no termo da dicta villa de Palmella pellos donos dos dictos olivais serem moradores da villa de Setuval, e como he verdade que pellas moeduras se não daram como devam na comarca da dicta villa pellos officiais della muitas vezes acontece que hum dos moradores tem fetas nove ou dez moeduras sem a viuva o pobre e o piqueno terem fito moedura alguua pella desigualdade que cometem os officiais da dicta comarca pello que alguus delles serão já acusados e se livrarão perante os ouvidores passados. E por que de tudo o acima dicto lhes he necessario o dicto estromento em modo que se faça fee. Pede a vossa Merce que mande aos escrivais do seu auditorio que pello juramento que tem de seus officios deem fee de tudo o que sabem de todo o contheudo nesta petição e com suas fees e com os dictos das testemunhas que apresentarem lhes mande passar seu estromento e recebera justiça e merce

Ajan os officiaes da camara a custa e como ho que disserem torne a mim e tendo embargos a se tirarem testemunhas por esta petição venham com elles do dia de notificação a dous dias

[Andreas Luiz]

IAN/TT., Ordem de Santiago, maço 9, doc. 681.
Transcrição de Cristina Vinagre Alves
Técnica Superior do Museu Municipal

A não esquecer...

Um dia a comemorar 1 de Junho, Dia do Concelho

Quando há já alguns anos a Câmara Municipal realizou um inquérito à população do concelho, acerca da data a assinalar como Dia do Concelho, 1 de Junho foi a data que reuniu maior consenso.

O que se assinala? O Foral Novo de D. Manuel, dado a Palmela a 1 de Junho de 1512. O anterior, fundador do concelho, data de Março de 1185, e foi atribuído a Palmela por D. Afonso Henriques, e confirmado em 1218.

Outras acções em agenda

- Lançamento da obra "Os Hipogeus Pré-históricos de Quinta do Anjo (Palmela) e as Economias do Simbólico, da autoria da Dr.ª Joaquina Soares; apresentação pelo Prof. Doutor Victor S. Gonçalves, no dia 24 de Maio, 17h 30, na Junta de Freguesia de Quinta do Anjo
- Escavações arqueológicas em curso - Rua de Nenhores (Palmela) e campanha a realizar no Verão, no Castelo de Palmela
- Exposição "Os Sentidos dão Cor à Vida, até Julho, na Adega da Herdade de Algeruz (no recinto do Kartódromo Internacional de Palmela)

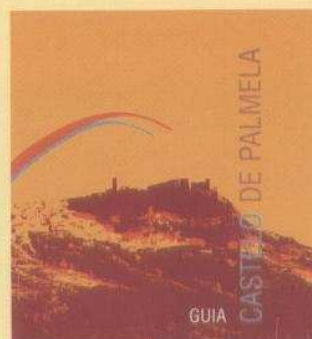
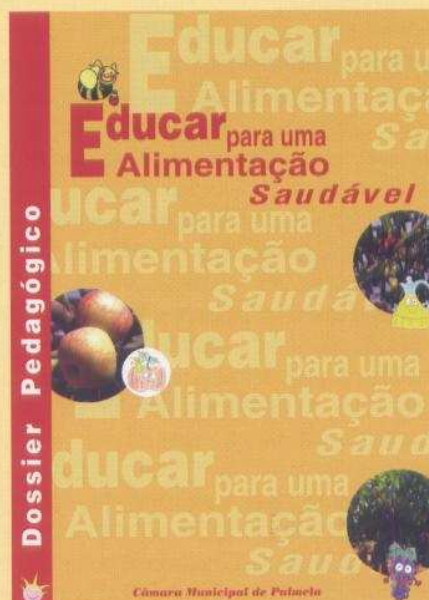


EDIÇÕES EM DESTAQUE

São editadas este mês pela Câmara Municipal duas publicações sobre Património:

um Dossier Pedagógico de vocação pluridisciplinar em torno da Alimentação Saudável – inclui capítulo sobre património gastro-nómico municipal;

um Guia destinado ao público infanto-juvenil, para descoberta do Castelo de Palmela.

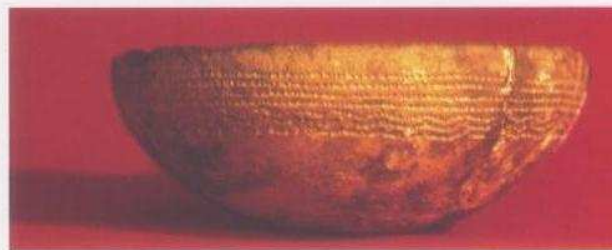


NECRÓPOLE PRÉ-HISTÓRICA da Quinta do Anjo, em livro

A necrópole de hipogeus da Quinta do Anjo é constituída por quatro sepulturas de tipologia semelhante, escavadas em afloramento calcário do Miocénico, de topo aplanado, dos contrafortes da Pré-Arrábida. A necrópole foi objecto de escavações arqueológicas entre o último quartel do século XIX e a primeira década do século XX; esses trabalhos de campo, realizados sobretudo por António Mendes e Inácio Marques da Costa, revelaram desde logo resultados muito expressivos para o panorama científico-cultural da época; o sítio viria a ser classificado como Monumento Nacional em 1934.

As sepulturas apresentam câmara de planta subcircular, com abóbada dotada de clareabóia. O acesso à câmara funerária faz-se através de estreito corredor e antecâmara ovalada. A ligação desta com a câmara é assegurada por diminuta passagem oval. Os monumentos melhor conservados possuem 9,75 m e 11,50 m de comprimento; as câmaras funerárias, com a altura de 2 m/2,30 m, apresentam diâmetros máximos que variam entre 4,60 m e 5,50 m. O modelo arquitectónico presente na Quinta do Anjo tem os melhores paralelos nas necrópoles de Alapraia e Carenque e é característico das Penínsulas de Setúbal e Lisboa.

A necrópole da Quinta do Anjo, pelo menos na sua última fase de utilização, ter-se-á comportado como ossário; os escavadores não encontraram vestígios de inumações primárias. À necrópole tiveram acesso crianças, adultos e senis, representando os adultos cerca de 80% da população ali inumada, pertencente ao tipo humano "mediterrânico grácil". A esperança média de vida à nascença era de 26,2 anos; a es-



tatura média situava-se entre 1,64m para o sexo masculino e 1,57m para o feminino.

As sepulturas da necrópole da Quinta do Anjo, de acordo com o mobiliário funerário recuperado, foram construídas no Neolítico final, e mantiveram-se em funcionamento durante todo o Calcolítico; o abandono ocorreu no final do Horizonte Campaniforme. Em anos de calendário, a necrópole manteve-se em actividade de há cerca de 5 300 anos até há 4 000/3 700 anos. O espólio funerário, a arquitectura e o ritual permitem supor que os grupos humanos que ali depositaram os seus mortos assentaram a sua economia na agro-pastorícia. A sociedade seria de tipo segmentário, estruturada, pois, por relações de parentesco legitimadas por generalizado culto dos antepassados, e caracterizada por relativo igualitarismo. As possíveis diferenciações sociais seriam mais de carácter horizontal (estatuto). Durante o Horizonte Campaniforme ocorreram importantes mudanças, no sentido da desigualdade social. Os hipogeus 1 e 3 destacam-se, então, relativamente aos restantes túmulos da necrópole, pela qualidade do espólio que acompanhou os enterramentos. Sobre a crista de relevo monoclinal da Pré-Arrábida localizaram-se vários povoados que, no conjunto, abrangem a diacronia da necrópole da Quinta do Anjo, nomeadamente o vizinho povoado fortificado de Chibanes, ocupado desde o Calcolítico inicial até ao final do Horizonte Campaniforme.

O bom estado de conservação da necrópole e da paisagem envolvente, integrada no Parque Natural da Arrábida, e o seu significado histórico fazem deste sítio arqueológico um importante núcleo patrimonial nacional.



Joaquina Soares
Arqueóloga

Directora do Museu de Arqueologia
e Etnografia do Distrito de Setúbal

FUNDOS DOCUMENTAIS ESPECIALIZADOS PARA CONSULTA PÚBLICA, EM PALMELA

Além da Biblioteca Municipal existem em Palmela dois outros serviços especializados da autarquia que lhe reservam fundos documentais especiais: o Gabinete de Estudos sobre Ordem de Santiago, sediado na sacristia da Igreja de Santa Maria (Castelo) e o Museu Municipal, com sede na Igreja de Santiago.

Agradecemos contacto prévio com a Divisão de Património Cultural para consulta destes Fundos.

Últimas aquisições do Gabinete de Estudos sobre Ordem de Santiago

- FARINHA, Maria do Carmo; JARA, Anabela Azevedo – Mesa de Consciência e Ordens. Lisboa: IANTT, 1997
- FREITAS, Judite – “Teemos por bem e mandamos”: a burocracia régia e os seus oficiais em meados de quatrocentos, Patrimónia, 2001
- GUIJARRO RAMOS, Luís Garcia – Papado, Cruzadas y Órdenes Militares siglos XI-XIII, Madrid: Cátedra, 1995
- RUNCIMAN, Steven – História das Cruzadas. Lisboa: Livros Horizonte, 1992, 3 vols

Últimas aquisições do Fundo Documental do Museu Municipal

- AMARAL, J. Duarte – O Grande Livro do Vinho. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994
- HERNÁNDEZ HERNÁNDEZ, Francisca – El Museo como espacio de comunicación, Gijón: Ediciones Trea, 1998
- MINEIRO, Carla - Encontro Museus e Educação: Actas. Lisboa: Instituto Português de Museus, 2002
- RAMALHO, Margarida Magalhães – Comboios com Histórias. Lisboa: Instituto Nacional do Transporte Ferroviário/Assírio & Alvim, 2000

SITES A CONSULTAR

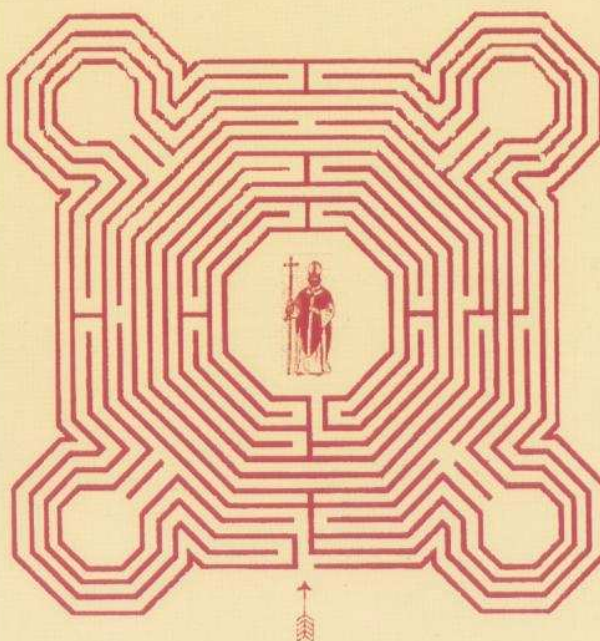
- Cata Vento na Net:
www.cm-palmela.pt
- Biblioteca Municipal de Palmela:
www.bm-pinhalnovo.com
- Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos:
www.amigosdoscastelos.pt

CADA NÚMERO, UM JOGO

Observa com cuidado a Torre de Menagem !

Sabias que nesta torre esteve encarcerado o Bispo de Évora, D. Garcia de Meneses por conspiração contra D. João II? Queres salvá-lo?

Olha que não é fácil, porque ele está preso numa masmorra localizada no piso inferior da torre de menagem! Mas como és corajoso(a) percorre o labirinto que te leva ao bispo.



Índice

- 1 Editorial
- 2 O Museu Municipal hoje
- 5 Em destaque... Serviço Educativo
- 7 Património Local – o Património Edificado: exemplo
- 9 Nos bastidores ...da arqueologia
- 10 Amigos do Museu
- 10 Memórias... o arquivo infinito
- 12 Património concelhio em Documentos
- 13 A não esquecer...
- 13 Edições em destaque
- 14 Necrópole Pré-Histórica da Quinta do Anjo em livro
- 15 Fundos documentais especializados para consulta pública, em Palmela
- 15 Sites a consultar
- 15 Cada número, um jogo

Contactos:

Divisão de Património Cultural - Museu Municipal
Departamento de Cultura e Desporto
da Câmara Municipal de Palmela
Largo do Município
2951-505 PALMELA

Tel.: 21 233 8180

Fax: 21 233 8189

E-mail: pat.cultural@cm-palmela.pt

Ficha Técnica

Edição: Câmara Municipal de Palmela

Coordenação Editorial: Chefia da Divisão de Património Cultural/Museu Municipal

Colaboram neste número: Cristina Vinagre Alves, Cristina Prata, Fátima Felicíssimo,

Isabel Cristina F. Fernandes, Lúcio Rabão, Maria Teresa Rosendo,

Sandra Abreu Silva, Teresa Sampaio, Zélia de Sousa, Joaquina Soares (MAEDS)

Grafismo: Paulo Curto

Fotografia: Adelino Chapa

Impressão: Armazém de Papéis do Sado, Lda.

Código de Edição: 233/03 - 3 000 exemplares

ISBN: 972-8497-27-X

Depósito Legal: 196394/03